



EXISTE VOCALIZAÇÃO DA LATERAL NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA?

Laura Helena Hahn¹

1 Introdução

O presente trabalho propõe uma análise da influência do português brasileiro (doravante PB) sobre a aquisição da lateral // em posição final de sílaba do inglês, i.e., uma investigação sobre a realização de // em posição de coda ou núcleo em inglês como segunda língua² (doravante L2) por falantes do PB. No PB, // em posição final de sílaba realiza-se, predominantemente, como semivogal [w], o que pode levar o falante a produzir o mesmo segmento vocalizado na aquisição de L2.

Há estudos recentes que evidenciam o processo de transferência do PB sobre a aquisição de sons em inglês, tais como obstruintes finais, encontros consonantais iniciados por /s/ e nasais finais (Baptista, 2002; Rauber, 2002; Koerich, 2002; Kluge, 2004; Silveira, 2004). Outros estudos, porém, revelam que não apenas transferência de L1, mas também processos de desenvolvimento interlinguístico, operam na aquisição de sons de segunda língua. Temos como exemplo o estudo de Baptista (1992), que afirma que, no início do processo de aquisição do inglês, as vogais de aprendizes brasileiros são produzidas claramente com traços de sua língua nativa; eventualmente, porém, os aprendizes tendem a adquirir as novas vogais da L2.

Alguns trabalhos que analisaram a vocalização no PB (Leite, Callou e Moraes, 2007; Tasca, 1999; Espiga, 2001; Costa, 2003; Collischonn e Quednau, 2009) constataram que se trata de um fenômeno praticamente categórico na fala das grandes cidades brasileiras e que há fatores linguísticos e sociais envolvidos nesse processo. Assim, os objetivos deste trabalho são (i) observar no inglês como L2 de falantes do PB

¹ Doutoranda da UFRGS.

² Onde se lê “aquisição” e “segunda língua” pode-se, também, ler “aprendizagem” e “língua estrangeira”.



do Rio Grande do Sul (RS) as taxas de vocalização e sua correlação com variáveis linguísticas e extralinguísticas; (ii) verificar se o comportamento destes falantes em L2 se relaciona com as características da variedade do PB falado na região; e (iii) verificar se o comportamento destes falantes em L2 se relaciona com as características observadas na realização do /l/ em variedades do inglês. Em linhas mais gerais, pretende-se contribuir para a compreensão sobre até que ponto as características de realização alofônica em L1 influenciam as características de realização em L2.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi coletado em um grupo de 25 estudantes brasileiros de inglês como L2 e foi analisado auditivamente, com auxílio do programa *Praat* (com finalidade de obter maior precisão na audição dos dados), e estatisticamente, através do programa *Goldvarb X*. É a partir da análise desses dados que buscaremos respostas para as nossas hipóteses.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 2, trazemos algumas informações de estudos feitos sobre a aquisição de segunda língua; na seção 3, trazemos algumas informações de estudos sobre o fenômeno da vocalização no PB e no inglês; na seção 4, tratamos da metodologia utilizada no trabalho; na seção 5, apresentamos os resultados estatísticos referentes ao conjunto de dados em estudo; e, a esta última, seguem-se as considerações finais.

2 Aquisição fonológica de segunda língua

A aquisição de uma L2 é, de alguma forma, diferente da aquisição de uma L1: aprendizes adultos de uma segunda língua raramente alcançam a mesma competência nativa que uma criança alcança aprendendo sua primeira língua, e, de modo oposto, crianças nunca vivenciam o grau de dificuldade que aprendizes de L2 vivenciam. Na aquisição de L1, há muitas evidências de que a representação subjacente de uma criança é idêntica ou muito próxima à de um adulto e de que os erros de pronúncia de uma criança se devem mais a processos que causam variações ao alvo adulto do que a inabilidades perceptuais. A aquisição da morfologia e da sintaxe de L2 compartilha similaridades com a aquisição morfológica e sintática de L1. Em ambas as aquisições, há uma correspondência próxima entre a intenção e o que é produzido.



Entretanto, de acordo com Major (1994), a aquisição da fonologia de L1 e a de L2 apresentam certas diferenças. Enquanto a criança “sabe” o alvo adulto, o aprendiz de L2 pode saber ou não – ou seja, a representação subjacente pode ser diferente da dos falantes nativos. O autor apresenta o exemplo de falantes nativos de PB, aprendizes de inglês, cujas representações subjacentes para L2 podem ser do mesmo tipo que eles possuem em L1 e cujos processos que agem sobre estas representações também podem ser os mesmos. Esses falantes brasileiros poderiam, por exemplo, representar a palavra inglesa *few*, na subjacência, como /fil/ tal como fariam em sua língua nativa para uma forma percebida como [fiw]. Ainda assim, diz o Major, na fala, *few* poderia ser corretamente pronunciada como [fyu], obedecendo à alternância vocálica que ocorre na fala corrente do português (Major, 1994). Por outro lado, mesmo tendo a representação correta para *fill* /fil/, a forma que resulta na pronúncia pode não ser a correspondente à do falante nativo. O autor observa que, na fonologia de L2, o alvo de um falante não nativo normalmente resulta na pronúncia de um não nativo, como também o alvo similar ao nativo não produz necessariamente a pronúncia similar à de um nativo.

Brown (2000) corrobora a afirmação de Major (1994) dizendo que, possivelmente, a disparidade entre a aquisição de L2 e a de L1 seja mais aparente com relação à aquisição fonológica do que na aquisição de outros componentes da língua. As línguas variam em seus inventários segmentais, dos quais obtemos um subgrupo de sons comuns às línguas humanas. Há, portanto, uma grande chance de um aprendiz de L2 ter de aprender a produzir e perceber alguns sons novos na aquisição de língua estrangeira. Falantes nativos de português, por exemplo, apresentam dificuldade para distinguir /i@/ e /i/ em *these* [tʰi@z] e *this* [tʰis], porque não existe tal distinção em português. As línguas variam, também, em seus padrões silábicos, o que também pode gerar certa dificuldade. Japoneses aprendizes de inglês, por exemplo, realizam produções tais como *advocated*, *course* e *English* (Cook, 2001), porque o padrão silábico do japonês é CV. Para Brown (2000), a dificuldade de aprendizes de L2 em dominar a pronúncia e os padrões entoacionais dessa segunda língua pode ser tida como evidência de que a Gramática Universal (GU) não opera na aquisição de L2.



Archibald (1998) afirma que o processo de transferência³ no aprendizado de L2 é o resultado de uma estratégia cognitiva que poderia ser informalmente chamada de “use o que você sabe”. Essa afirmação prediz que os tipos de erro feitos pelos aprendizes de língua estrangeira dependerão do seu nível de proficiência. Aprendizes iniciantes poderão não ter nada além de sua L1 como conhecimento disponível e provavelmente irão errar muito por causa disso. Aprendizes mais avançados já adquiriram um certo conhecimento sobre a L2 e podem errar menos. No entanto, esse conhecimento pode também se tornar uma potencial fonte de erros, assevera o autor.

Archibald (1998) cita o modelo de Major (1987) – *Ontogeny Model* – sobre a natureza dual das gramáticas interlinguísticas, no qual há dois tipos de erros em uma gramática: os erros de transferência e os erros de desenvolvimento. O primeiro tipo de erro reflete a transferência da L1. Em contraste, o segundo tipo envolve equívocos semelhantes aos que as crianças cometem ao adquirir sua L1. Nesse modelo, Major propõe uma relação de hierarquia entre os processos de transferência e os de desenvolvimento, afirmando que a transferência diminui com o passar do tempo, enquanto, concomitantemente, processos de desenvolvimento aumentam e, então, diminuem (Major, 1994). Aprendizes de nível avançado apresentam baixo índice de erros, tanto nos de transferência quanto nos de desenvolvimento. Nem todos os aprendizes, entretanto, alcançam esse estágio avançado. É comum, em aquisição de L2, aprendizes atingirem um *plateau* no seu desenvolvimento. Quando a gramática interlinguística para de mudar, ela é dita *fossilizada* (Archibald, 1998).

Um dos fatores que distingue a aquisição de L2 da aquisição de L1 é o fato de que o aprendiz de L2 assume essa tarefa já sabendo uma língua, o que pode desempenhar um papel, conforme algumas correntes teóricas, na aquisição de L2. Embora muitos pesquisadores concordem que os conhecimentos linguísticos prévios do aprendiz de L2 exercem alguma influência no processo de aquisição, não há consenso sobre qual papel a língua materna precisamente desenvolve. Entretanto, sabe-se que a influência da gramática nativa não é absoluta: alguns aspectos da L1 parecem impedir a aquisição de estruturas particulares de L2, enquanto outras propriedades de L2 são

³ “Transfer means carrying over the forms and meanings of one language to the other, resulting in interference – ‘instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language’ (Weinreich, 1953:1)” (Cook, 2001)



adquiridas com pouca ou nenhuma interferência da gramática nativa. Para Brown (2000), o desafio para a teoria de segunda língua é prover uma explicação para a presença ou ausência de influência de L1, isto é, o que determina a “influência parcial”.

A partir de certo momento de sua história, as pesquisas em Aquisição de Segunda Língua passaram a seguir certos princípios Chomskianos, ou seja, passou-se a acreditar que os estudantes de L2 constroem gramáticas próprias que não são parte nem da língua materna nem da segunda, mas têm uma existência independente. Aprendizes de L2 podem realizar uma estrutura que não existe nem em uma nem em outra língua, ou seja, possuem uma *gramática interlinguística*, assim chamada porque possui influências tanto da L1 quanto da L2 dos aprendizes e características de ambas as línguas (Selinker, 1972).

Um dos mais importantes fatores a governar a aquisição de L2 é a transferência de L1 para a sua pronúncia. O termo *transferência* é usado para descrever o processo pelo qual um traço ou uma regra da L1 de um aprendiz é mantido através da gramática interlinguística (Archibald, 1998).

Wode (1981, *apud* Major, 1994) elaborou a noção de similaridade na tentativa de explicar quais sons são mais prováveis de apresentar influência de L1 (transferência) e quais não são: se um som de L2 comparado a um som de L1 apresenta certa similaridade, então haverá influência de L1; por outro lado, se esses sons forem distintos, não haverá essa influência. Na realidade, nesse último caso (sons distintos), substituições não justificadas pela L1 serão usadas. Um exemplo citado por Major (1994), encontrado em Flege (1987b), consiste em falantes nativos de inglês, que eram aprendizes avançados de francês, obtendo mais sucesso com a pronúncia de /y/ (que não possui equivalente em inglês) do que com /u/ (cujo equivalente em inglês é /u/).

Nessa mesma linha, Major (1994) cita o exemplo encontrado em Bohn e Flege (1992), no qual falantes experientes de inglês como L2, cuja L1 era alemão, não produziam /i I ⇔ / (vogais “similares” às do inglês) de forma mais precisa do que falantes inexperientes. Por outro lado, no caso da vogal /ɔ/ (a vogal “nova”), os falantes experientes, em oposição aos inexperientes, a produziam de modo bastante similar aos falantes nativos. Entretanto, Major (1994) assume que não há uma boa definição de similaridade.



Enquanto a análise contrastiva mantinha que as substituições de L2 poderiam ser explicadas simplesmente com base na transferência, o reconhecimento de processos de desenvolvimento demonstrou que nem todas as substituições poderiam ser atribuídas à L1. Nesse sentido, os tipos de substituição que foram deixadas de lado porque não se encaixavam na categoria de transferência foram trazidas à tona para análise. Além disso, conforme Major (1994), talvez a contribuição mais importante na descoberta desses processos de desenvolvimento foi que pesquisadores começaram a perceber que a aquisição de L1 e de L2 compartilham algumas características fundamentais. Passou-se, a partir daí, a questionar a ideia de que a aquisição de L1 e a de L2 eram basicamente diferentes. Surgiram, assim, debates que consideram o papel da GU⁴ e de outros universais na aquisição de L2.

Diante da exposição acima sobre a aquisição de segunda língua, observamos que considerar toda e qualquer variação que ocorre na fala de um aprendiz de L2 como resultado de transferência da L1 do falante constitui em um engano. Teorias da aquisição e trabalhos realizados nessa área puderam constatar que, além da transferência, outros fatores podem atuar nessas variações, como, por exemplo, processos de desenvolvimento interlinguístico e gramática interlinguística.

3 A vocalização

3.1 No PB

Utilizando dados do Projeto NURC, Leite, Callou e Moraes (2007) examinaram cinco capitais brasileiras e afirmam que a vocalização é geral em todo o país. As cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife indicam estágio avançado do processo – especialmente em posição final de vocábulo (e.g. *carnaval*) –, com percentual em torno de 90%; enquanto Porto Alegre apresenta percentual em torno de 50%.

⁴ Há muita discordância em relação a quanto de acesso à GU o aprendiz possui na aquisição de segunda língua. Alguns autores afirmam que um aprendiz não possui acesso à GU (Brown, 2000 – acima mencionada; Schachter, 1988; entre outros). Por outro lado, White (1985, 1989, 1996) afirma que o aprendiz possui acesso total à GU, ou seja, as habilidades inatas presentes nas crianças permanecem ativas em aprendizes adultos de L2. Há, ainda, autores que defendem o acesso parcial à GU na aquisição de L2 (Vainikka e Young-Scholten, 1994, por exemplo) (Major, 2001).

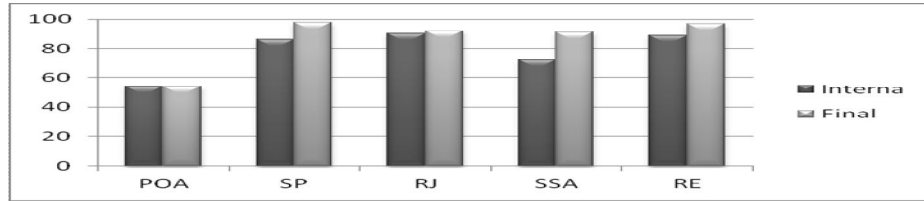


Gráfico 1 – Percentual de vocalização em posição de coda interna e externa de vocábulo (Leite, Callou e Moraes, 2007, p. 424)

Pesquisas recentes, como as de Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001), entretanto, mostram que a vocalização é praticamente categórica na capital gaúcha, mas mostram também que a lateral velarizada e a lateral alveolar ainda são frequentes em outras localidades do sul do país.

3.2 No inglês

Conforme Johnson e Britain (2003), considerando-se o inglês britânico, a vocalização de /l/ é vista como uma característica da cidade de Londres que está se expandindo radialmente e englobando progressivamente mais dialetos. Há algumas localidades que se mostram resistentes a essa mudança linguística, o que se deve, de acordo com os autores, ao fato de alguns dialetos não terem estabelecida a alofonia entre *l claro* e *l escuro*. A vocalização é um fenômeno natural e esperado, especialmente nos dialetos ou línguas que apresentam a distinção entre [l] e [ɫ], afirmam os autores. Através da análise e do levantamento bibliográfico diacrônico e sincrônico, Johnson e Britain (2003) buscam, nesse estudo, demonstrar que a vocalização é uma opção não-marcada e esperam que a mudança linguística proceda nessa direção.

Hayes (1998) corrobora a existência de variação de /l/ no inglês americano e analisa a variação entre *l claro* e *l escuro* nesse dialeto para testar a proposta que apresenta nesse artigo, a qual deu origem, posteriormente, à teoria OT estocástica (Hayes e Boersma, 2001), uma proposta bastante conhecida para tratar de fenômenos variáveis em Teoria da Otimidade. O *l escuro* [ɫ] é mais posterior e, “em uma fala mais casual, se não pré-vocálico” (Hayes, 1998, p. 7), pode perder completamente seu contato com a lâmina da língua, tornando-se um tipo de vocoide alto posterior com compressão



na parte lateral da língua⁵.

Considerando inglês como L2, Baratieri (2006) analisou as propriedades acústicas e articulatórias do /l/ em coda silábica no inglês produzido por estudantes brasileiros de inglês. De acordo com Baptista (2001), o fato de /l/ final no PB ser frequentemente pronunciado como /u/ pode conduzir o aprendiz de inglês a pronúncias equivocadas, o que pode resultar em entendimentos equivocados. Moore (2004) e Baratieri (2005) encontraram, em seus trabalhos, evidências de que aprendizes de inglês vocalizam /l/ final tanto em PB quanto em inglês. Assim, para Baratieri (2006), parece plausível supor que a transferência pode operar na vocalização de /l/ em coda no inglês. Além da transferência, o autor acredita que o grau de vocalização do /l/ seria influenciado pelo ambiente fonológico, devido ao processo de coarticulação. Por isso, ele considera, ainda, estudos de aquisição de L2 que, além de investigar a operação de transferência e processos de desenvolvimento, também investigam a influência do contexto fonológico no qual o som-alvo está inserido em sua realização.

Assim, analisando o efeito do contexto fonológico seguinte na vocalização de /l/, Baratieri (2006) observa em seus resultados que /l/ é mais vocalizado diante de velares e labiais do que de apicais e palatais, o que não permite a relação com a transferência de L1, uma vez que, em PB, o /l/ é mais vocalizado diante de apicais e palatais do que de velares e labiais (Recasens, 1996; Lampretch, 2004). Esses resultados, conforme o autor, indicam que a vocalização é favorecida ou inibida por movimentos de homorganicidade entre /l/ e a consoante seguinte e que, mais do que transferência de L1, há um processo de desenvolvimento interlinguístico operando na aquisição de /l/ em coda no inglês pelos participantes da pesquisa, uma vez que a vocalização de /l/ não foi favorecida diante de consoantes alveolares, como ocorre com o /l/ em PB. Na verdade, seus resultados apontaram para uma direção oposta, ou seja, a vocalização foi inibida diante de consoantes alveolares e favorecida diante de labiais e velares, como ocorre em algumas variedades do inglês com o /l/ final.

⁵ Em vários dialetos, o [l̥] pode perder sua lateralidade completamente, tornando-se uma vogal posterior. Esse fenômeno não ocorre nas variedades americanas estudadas nesse artigo. [nota do autor]



4 Metodologia

Como parte do nosso projeto de mestrado, realizamos um levantamento de dados com falantes nativos de PB aprendizes de inglês para verificar se ocorre uma transferência da vocalização de /l/, fenômeno praticamente categórico na variante brasileira do português⁶, para a segunda língua (inglês). O *corpus* do trabalho foi coletado com 25 estudantes de Inglês VIII do curso de graduação em Letras do Instituto de Letras da UFRGS, sendo sete homens e dezoito mulheres, todos adultos com idade entre 21 e 38 anos. A grande maioria desses informantes é de Porto Alegre e região metropolitana. Todos os alunos foram submetidos a uma verificação de seus estágios de proficiência de inglês através da aplicação do *Oxford Placement Test* (Allan, 2004), o que resultou em cinco subgrupos de diferentes níveis⁷:

Nível C – Altamente Proficiente (8 sujeitos),
Nível D – Proficiente (13 sujeitos),
Nível E – Intermediário Superior (3 sujeitos),
Nível F – Intermediário Inferior (3 sujeitos), e
Nível G – Elementar (1 sujeito).

Os dados foram coletados a partir da leitura de um texto, o qual continha 45 contextos de / *escuro*, sendo que, em doze vocábulos, a vogal precedente à lateral possuía o traço [+ posterior] (e.g. *role*); em quatorze vocábulos, a vogal precedente possuía o traço [+anterior] (e.g. *children*); em dez vocábulos, o / *l* era [+silábico] (e.g. *castle*); e, em onze vocábulos, a vogal precedente era central (e.g. *adults*). Destes 45 contextos, doze possuíam /l/ em limite de palavra com uma vogal iniciando a palavra seguinte: em oito deles, a lateral estava em posição de coda, e, em quatro, encontrava-se na posição de núcleo.

Alguns desses vocábulos se repetiam ao longo do texto, o que resultou em um total de 56 vocábulos com [l̥] velar. Embora um mesmo falante possa ter falado uma mesma palavra de forma diferente, foram consideradas apenas as realizações, ou seja,

⁶ Entretanto, ainda há localidades no RS em que a lateral velarizada e a lateral alveolar ainda são frequentes, conforme visto na seção anterior.

⁷ De acordo com o nivelamento estabelecido por Allan (2004), nenhum sujeito se enquadrou nos níveis A, B, H, I e J.



não analisamos tipo de palavra. Submetemos os dados coletados à análise acústica, utilizando o *software Praat Versão 5.1.25*⁸, e à análise estatística, através do Programa Estatístico *Goldvarb X*⁹, examinando variáveis linguísticas e extralinguísticas possivelmente envolvidas na variação em estudo.

5 Apresentação dos resultados estatísticos

Nessa seção, apresentamos os resultados estatísticos obtidos a partir do *Goldvarb X*. O valor de aplicação que utilizamos é a variante semivogal [w], isto é, consideramos a aplicação da regra de vocalização em oposição à manutenção da variante velar [ɰ]. Vejamos inicialmente o resultado obtido para a variável dependente.

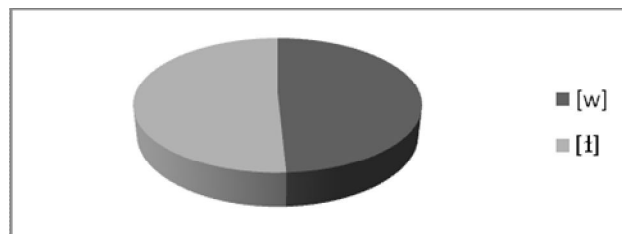


Gráfico 2 – Variável dependente

O gráfico 2 nos mostra uma distribuição bastante equivalente entre as duas variantes. A vocalização ocorreu em 49,2% das ocorrências, resultado que nos indica um comportamento distinto dos informantes na realização de /l/ em final de sílaba na L2 da realização na sua variedade da língua materna, uma vez que a literatura aponta a prevalência disparada de [w] em Porto Alegre e região metropolitana, de onde é a grande maioria dos participantes de nosso estudo.

Realizamos diversas rodadas dos dados no programa estatístico, e apenas variáveis extralinguísticas foram selecionadas. Na primeira rodada realizada, o programa selecionou o grupo de fatores *informantes*. Todos os demais grupos foram descartados.

⁸ *Praat: doing phonetics by computer*, de Paul Boersna e David Weening, *software* que pode ser gratuitamente obtido no site www.praat.org. Este programa serve basicamente para análise acústica.

⁹ O programa *Goldvarb* está disponível na internet para *download* gratuito através do site <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>.



O gráfico 3, abaixo, apresenta os índices de peso relativo que obtivemos para cada um dos informantes. Esses valores encontram-se no eixo vertical. Os informantes foram distribuídos, no eixo horizontal, por nível de inglês e, dentro de cada nível, por sexo¹⁰. Lembrando que o *Nível C* corresponde ao nível cujos alunos são altamente proficientes em inglês, ao passo que o *Nível G* corresponde ao nível cujo aluno possui um conhecimento elementar da língua.

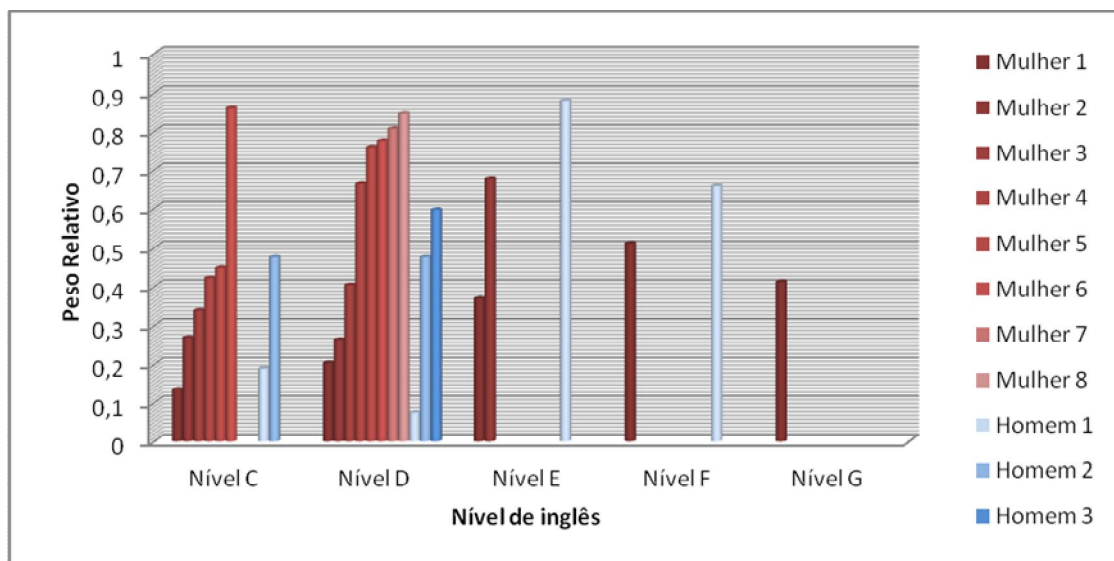


Gráfico 3 – Informantes¹¹

Os informantes que mais se destacam nesse gráfico são “Homem 1” do Nível E e “Mulher 6” do Nível C, por apresentarem os maiores índices de peso relativo. Ambos os informantes são jovens de Porto Alegre (ele tem 24 anos, ela tem 21) que nunca estudaram ou moraram no exterior. Outro que se destaca é o informante “Homem 1” do Nível D, cujo índice é de 0,075. Este informante apresenta as mesmas informações sociais dos outros dois: jovem (26 anos) da região metropolitana (Canoas) que não morou ou estudou fora do Brasil.

¹⁰ Para facilitar a leitura do gráfico, lembramos que o *Nível C* possui cinco informantes mulheres e dois informantes homens; o *Nível D*, nove mulheres e três homens; o *Nível E*, dois mulheres e um homem; o *Nível F*, um mulher e um homem; e o *Nível G*, um mulher.

¹¹ Para identificar cada informante e seu respectivo código, consultar Hahn (2010).



Chamamos a atenção para o fato de o Nível G ter somente um informante. Dessa forma, as suas informações não são tão confiáveis quanto as que se referem aos grupos que contêm mais informantes.

Realizamos uma segunda rodada, eliminando *informantes* no arquivo de condições. Nesse caso, o programa selecionou a variável *nível de inglês*.

No que se refere ao nível de inglês, esperava-se que o grau de proficiência dos aprendizes exercesse alguma influência na produção da lateral como semivogal [w] ou velar [ŋ]. A porcentagem de vocalização tenderia a diminuir na fala de aprendizes brasileiros de L2 na medida em que estes fossem avançando nos níveis de proficiência da segunda língua, entretanto, o gráfico a seguir mostra que essa hipótese foi descartada.

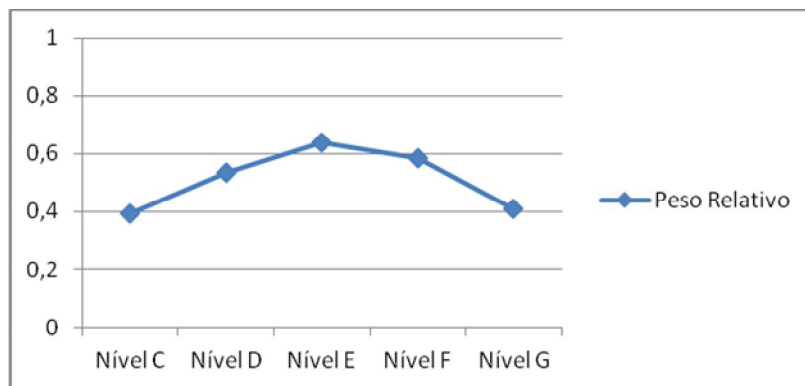


Gráfico 4 – Nível de inglês

O eixo horizontal do gráfico 4 apresenta os níveis de proficiência, do mais proficiente para o menos, e o eixo vertical apresenta a taxa de vocalização geral de cada grupo de falantes. Ao colocar os resultados obtidos nesse gráfico, observamos algo semelhante a uma parábola. O padrão poderia indicar que o conjunto de sujeitos da pesquisa possui problemas e que os falantes dos níveis F e G desviam do padrão esperado porque não são, de fato, mais avançados que os demais. Entretanto, os critérios de classificação empregados na pesquisa são, no nosso entender, robustos, e, portanto, o resultado nos parece não apontar para um desvio de amostra. O que parece ser revelado pelos resultados é um caso dos chamados *Erros de Desenvolvimento* (Archibald, 1998). Em um nível iniciante de proficiência (aqui representado pelo fator



Nível G), o aprendiz apresenta baixo índice de erros de desenvolvimento. Esse índice aumenta em um nível intermediário e diminui à medida que o nível de proficiência aumenta (Nível C).

Como já mencionamos, em nenhuma das rodadas que realizamos, as nossas variáveis linguísticas foram selecionadas pelo *Goldvarb*. Entretanto, gostaríamos, ainda assim, de tratar dessas variáveis, pois tínhamos certas expectativas em relação a esses grupos de fatores e gostaríamos de confrontá-las com os nossos resultados.

Com relação à variável linguística *contexto vocálico anterior*, nossa hipótese inicial era, com base em Labov, Cohen, Robins e Lewis (1968, *apud* Durian, 2004), que a probabilidade de vocalização é menor quando a vogal precedente ao / possui o traço [+anterior]; enquanto a probabilidade de vocalização é maior quando a vogal precedente ao / *escuro* possui o traço [+posterior] (e.g. *feel* x *full*).

Os resultados obtidos em nossa pesquisa, porém, mostram que as variáveis linguísticas parecem não ter desenvolvido um papel significativo sobre a vocalização, pois, além de nenhuma dessas variáveis analisadas ter sido selecionada pelo programa estatístico, as porcentagens de aplicação de [w] dos três fatores considerados são bastante equivalentes, conforme tabela abaixo.

	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
V [+ant]	219/435	50,3	children
V [+post]	207/422	49,1	school
V [-ant, +post]	130/273	47,6	adults
Total	556/1130		

Tabela 1 – Contexto anterior vocálico – rodada “V__”, sem informantes

Pode-se observar, porém, que o contexto de vogal com o traço fonológico [+anterior] apresenta uma frequência ligeiramente maior que os demais contextos, que não possuem esse traço (V [+posterior] e V [-anterior, +posterior]), o que estaria mais de acordo com a literatura sobre o fenômeno no PB. Essa equivalência de índices pode estar indicando que os informantes possuem uma gramática interlinguística, ou seja, que



eles possuem uma gramática com influências e características tanto da primeira (PB) quanto da segunda língua (inglês). Uma interpretação alternativa para esses resultados é que, na verdade, não há condicionamento por parte do contexto anterior por não se tratar de um fenômeno com características assimilatórias, sendo puramente um processo de lenição.

Ainda considerando-se variáveis linguísticas, levantou-se uma hipótese sobre o contexto fonológico consonantal precedente ao /l/, que poderia favorecer ou desfavorecer a realização da lateral como [w]. Baseada em Johnson e Britain (2003), acredita-se que coronais desfavoreceriam a vocalização do /l/ silábico (e.g. *medal* e *little*), enquanto labiais e dorsais tenderiam a favorecê-la (e.g. *humble* e *ankle*).

	Aplicação/Total	Porcentagem	Exemplo
C [+cor]	78/147	53,1	castle
C [+dor]	35/75	46,7	article
C [+lab]	8/25	32,0	example
Total	677/1377		

Tabela 2 – Contexto anterior consonantal – rodada “C__”, sem informantes

Não temos trabalhos sobre a vocalização no PB que possam nos servir de referência para a análise do *contexto anterior consonantal*, pois o português não possui /l/ silábico. Entretanto, os resultados da tabela 2 parecem sugerir que a vocalização não é um processo de caráter coarticulatório, mas de estrutura silábica.

Foi realizada uma rodada dos dados no programa estatístico para analisar a possibilidade de ressilabação. Se o contexto seguinte for uma vogal (e.g. *all empty*), a “ligação” que ocorre entre a primeira e a segunda palavras, a assim chamada ressilabação, através da qual /l/ passa para o *onset*, parece inibir a vocalização. Portanto, esperavam-se baixas taxas de vocalização nessa situação. No entanto, se o falante realizar pausa entre as palavras, a ressilabação não ocorreria, e esperava-se maior ocorrência do fenômeno da vocalização nesse caso.



Nossos resultados apontaram que, em 49,1% das ocorrências com uma vogal iniciando a palavra seguinte (*fell asleep*), houve vocalização, sangrando a regra de ressilabação ao eliminar o contexto que permitiria sua aplicação. Em 49,2% das ocorrências com pausa (*Channel.*) ou consoante (*school working*) como contexto seguinte, também foi produzida a semivogal. O fato de as porcentagens serem idênticas indica que a ressilabação não parece estar atuando nos dados considerados e explica porque a variável não foi selecionada pelo programa. Além disso, observa-se que, mesmo nos casos em que // foi preservado, na maioria, não houve a ressilabação.

Essas análises sugerem que o falante manipula, de alguma forma conscientemente, a ressilabação, pois não a está aplicando tal como faria no português. Tal observação parece ser importante para a discussão da teoria fonológica e do que pode ser transferido de uma língua para a outra.

6 Considerações finais

O fato de as variáveis linguísticas não terem sido selecionadas em nenhuma das rodadas que realizamos nos permite construir uma nova hipótese: a de que o fenômeno de vocalização não possui um caráter assimilatório, e que é, todavia, um fenômeno de lenição, explicável no nível fonético, por propriedades inerentes à articulação do // (sendo um segmento com dois articuladores, ele seria naturalmente instável e sujeito a alterações), que se manifestam mais fortemente no contexto de coda.

Em relação aos informantes, destacamos a grande variação que há entre os pesos relativos dentro de um mesmo nível de inglês (ver gráfico 3). Apesar de os informantes terem os mesmos níveis de inglês e de escolaridade, talvez poderíamos atribuir tal variação aos fatores sexo, idade, escolaridade, região geográfica e classe social, que não foram sistematicamente controlados neste estudo. Entretanto, mesmo que todos esses fatores fossem devidamente controlados, ainda assim nossos informantes poderiam apresentar comportamentos linguísticos diferentes em relação ao fenômeno (Labov, 2001). Especialmente em relação à aquisição de L2, outros fatores de nível social menor poderiam condicionar tal variação, como relações sociais mais imediatas do falante com amigos, parentes e professores estrangeiros; atividades de lazer que envolvem a língua alvo; experiência de morar e/ou estudar no exterior; etc.



Apesar de nosso trabalho não possuir um número equivalente de participantes de ambos os sexos (dezessete mulheres e oito homens) nem de representantes de cada nível de conhecimento de inglês, acreditamos que nossos procedimentos metodológicos atenderam aos objetivos iniciais do estudo. Para tanto, tivemos o cuidado de classificar os informantes por níveis, não de acordo com a seriação escolar, mas pelo desempenho em teste já bastante reconhecido, possibilitando uma maior sustentação das observações feitas acima, de que o aprendizado da não-vocalização não obedece a um decréscimo linear, de estágios mais iniciais para os mais avançados.

Para finalizar, o fato de nossos informantes terem realizado vocalização em apenas 49,2% das ocorrências de /l/ em nossos dados e todos os demais resultados discutidos acima parecem corroborar a sugestão de Baratieri (2006) e indicar que há um processo de desenvolvimento interlinguístico operando na aquisição de /l/ no inglês como segunda língua pelos informantes da presente pesquisa. Esperamos que o trabalho de análise que desenvolvemos aqui se mostre, de alguma forma, pertinente não somente para estudiosos do processo de aquisição de L2 mas também para pesquisadores voltados para o entendimento de fenômenos variáveis do português brasileiro e para a teoria fonológica.

7 Referências bibliográficas

- ALLAN, Dave. *Oxford Placement Test 1*. Oxford University Press, 2004.
- ARCHIBALD, John. *Second language phonology*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- BAPTISTA, Barbara O. (1992). *The acquisition of English vowels by eleven Brazilian Portuguese speakers: An acoustic analysis*. Los Angeles: University of California, 1992. Tese de Doutorado
- _____. Frequent pronunciation errors of Brazilian learners of English. In M. B. M. Fortkamp & R. P. Xavier (Eds.) *Current issues in teaching and learning EFL in Brazil* (pp. 223-230) Florianópolis: Insular, 2001.
- _____. Language in contact: Brazilian English interlanguage phonology. In: *I Congresso Internacional das Linguagens / IV Seminário Internacional do Ensino de Língua Estrangeira – Espanhol e Inglês (SINELE)*. Erechim/RS, 2002.
- BARATIERI, Jacir P. *The production of the English dark /l/ by EFL Brazilian teachers*. Marechal Cândido Rondon: ISEPE, 2005.



____. *Production of /l/ in the English coda by Brazilian EFL learners – an acoustic-articulatory analysis*. Florianópolis: UFSC, 2006. Dissertação de mestrado

BROWN, Cynthia. The interrelation between speech perception and phonological acquisition from infant to adult. In: ARCHIBALD, John. *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Malden: Blackwell, 2000.

COLLISCHONN, Gisela e QUEDNAU, Laura R. In: Leda Bisol e Gisela Collischonn (orgs.) *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. <http://www.pucrs.br/edipucrs/portuguesdosuldobrasil.pdf>.

COOK, Vivian. Linguistics and second language acquisition. In: ARONOFF, Mark e REES-MILLER, Janie. *The handbook of Linguistics*. Malden: Blackwell, 2001.

COSTA, Cristine. *Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

DURIAN, David. The vocalization of /l/ in urban blue collar Columbus, OH African American Vernacular English: A quantitative sociophonetic analysis. *The Ohio State Working Papers in Linguistics*, Vol. 58, 30-51, 2004.

ESPIGA, Jorge. *O Português dos Campos Neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços do Chuí e Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Tese de Doutorado

HAYES, Bruce P. *Gradient Well-Formedness in Optimality Theory*. Los Angeles: UCLA, 1998. <http://www.linguistics.ucla.edu/people/hayes/gradient.pdf>

HAYES, Bruce P. e BOERSMA, Paul. *Empirical Tests of the Gradual Learning Algorithm*. *Linguistic Inquiry*, Vol. 32, N. 1, 45–86. Massachusetts Institute of Technology, 2001. http://www.fon.hum.uva.nl/paul/papers/BoersmaHayes_li2001.pdf

JOHNSON, Wyn e BRITAIN, David. *L Vocalization as a Natural Phenomenon*. Essex Research Reports in Linguistics Vol. 44, 2003.

KLUGE, Denise C. *Perception and production of final nasal by Brazilians learners of English*. Florianópolis: UFSC, 2004. Dissertação de Mestrado

KOERICH, Rosana D. *Perception and Production of Vowel Epenthesis in Word-Final Single Consonant Coda*. Unpublished doctoral dissertation. Florianópolis: UFSC, 2002. Tese de Doutorado

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, V. 2, 2001.

LAMPRECHT, Regina R. *Aquisição Fonológica do Português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Atmed Editora, 2004.

LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. In: XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL, 2007.

Hahn, Laura Helena. Existe vocalização da lateral na aquisição do inglês como segunda língua? *Verba Volant*, v. 2, nº 2. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.



MAJOR, Roy C. Phonological similarity, markedness and rate of L2 acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 9, 63-82. 1987.

____ Current trends in interlanguage phonology. In: YAVAS, Mehmet. *First and second language phonology*. San Diego: Singular Publishing Group, 1994.

MOORE, D. *The production of English final /l/ words by Brazilian learners of English*. Florianópolis: UFSC, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso

RAUBER, Andréia S. *The production of English initial /s/ clusters by Portuguese and Spanish EFL speakers*. Florianópolis: UFSC, 2002. Dissertação de Mestrado

RECASENS, D. An articulatory-perceptual account of vocalization and elision of dark /l/ in the Romance languages. *Language and Speech*. 1996.

SELINKER, L. "Interlanguage", *IRAL, International Review of Applied Linguistics* 10, 3:209-231. In: RICHARDS, J.C. (Ed.) *Error Analysis. Perspectives on Second Language Acquisition*. London: Longman (Applied Linguistics and Language Study), 1972.

SILVEIRA, Rosane. *The influence of pronunciation instruction on the perception and production of English word-final consonants*. Florianópolis: UFSC, 2004. Tese de Doutorado

TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

PALAVRAS-CHAVE: vocalização de /l/, aquisição de L2, fonologia.